

D. MANUEL I



Ordem:	14.º Rei de Portugal
Cognome(s):	<i>O Venturoso</i>
Início do Reinado:	25 de Outubro de 1495
Término do Reinado:	13 de Dezembro de 1521
Aclamação:	Alcácer do Sal, 27 de Outubro de 1495
Predecessor:	D. João II
Sucessor:	D. João III
Pai:	D. Fernando, Duque de Viseu
Mãe:	D. Beatriz, Infanta de Portugal
Data de Nascimento:	31 de Maio de 1469
Local de Nascimento:	Alcochete
Data de Falecimento:	13 de Dezembro de 1521
Local de Falecimento:	Lisboa
Consorte(s):	D. Isabel de Aragão d. Maria de Aragão D. Leonor de Áustria (Infantas de Espanha)
Príncipe Herdeiro:	D. João III (filho)
Dinastia:	Avis

D. Manuel I, 14º Rei de Portugal, nasceu em Alcochete a 31 de Maio de 1469 e morreu em Lisboa a 13 de Dezembro de 1521. Era filho do infante D.Fernando de Portugal, duque de Viseu, e de Beatriz, na época chamada D. Brites, princesa de Portugal.

Infância e juventude

Manuel sucedeu ao primo direito João II de Portugal em 1495 de quem se tornara uma espécie de «filho adoptivo» (ver Paulo Pereira, «Enciclopédia dos Lugares Mágicos de Portugal», volume IX, página 70) e ascendeu ao trono em circunstâncias excepcionais. Cgnominado de *O Venturoso*, *O Bem-Aventurado* ou *O Afortunado*, pelos eventos felizes que ocorreram no seu

reinado, designadamente a descoberta do caminho marítimo para a Índia e a do Brasil. Foi o primeiro rei a assumir o título de **Rei de Portugal e dos Algarves, d'Aquém e d'Além-Mar em África, Senhor do Comércio, da Conquista e da Navegação da Arábia, Pérsia e Índia**.

Durante a infância e a juventude, assistiu à guerra de intriga e conspiração entre a aristocracia e D. João II, muito cioso do seu poder. Alguns homens do seu círculo próximo foram mortos ou exilados, incluindo o seu irmão mais velho Diogo, Duque de Viseu, assassinado pelo próprio rei. Portanto, quando em 1493 recebeu uma ordem real de comparecimento no paço, Manuel deveria estar preocupado. Mas o propósito de João II era nomeá-lo herdeiro da coroa, depois da morte do seu filho Afonso de Portugal e das tentativas frustradas de legitimar o bastardo Jorge de Lencastre.

Aclamação e reinado

Aclamado em 27 de outubro de 1495, Manuel provou ser um sucessor à altura, apoiando os descobrimentos portugueses e o desenvolvimento dos monopólios comerciais. Durante seu reinado, Vasco da Gama descobriu o caminho marítimo para a Índia (1498), Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil (1500), D. Francisco de Almeida tornou-se no primeiro vice-rei da Índia (1505) e o almirante D. Afonso de Albuquerque assegurou o controlo das rotas comerciais do Oceano Índico e Golfo Pérsico e conquistou para Portugal lugares importantes como Malaca, Goa e Ormuz. Também no seu reinado organizam-se viagens para Ocidente, tendo-se chegado à Gronelândia e à Terra Nova. Seu reinado decorreu num «contexto expansionista, já preparado por seu antecessor - e marcado pela descoberta do caminho marítimo para a Índia em 1498 e pelas consequências políticas e económicas que advieram deste facto» (obra acima citada, mesma página).

A extensão de seu reinado, diz o mesmo autor acima citado, «permite surpreender nele uma personagem determinada, teimosa, voluntariosa, autocrática, detentora de um programa político de potenciação do seu poder dotado de uma assombrosa coerência, posto em prática até ao seu mais ínfimo detalhe. D. Manuel opta por uma política de expansão indiana e põe em prática os seus princípios, criando a oportunidade para a realização da viagem de Vasco da Gama em 1497, contra, ao que parece, a oposição de parte do seu conselho. Escolhe, ainda, a via da inversão pró-aristocrática, ou seja, de restauração de privilégios e direitos antes postos em causa e isto certamente por opção política de Estado. O rei edifica, igualmente, um Estado que prenuncia em boa medida o absolutismo régio e o governo iluminado, por contraponto, aliás, ao problemático e agitado centralismo do seu antecessor D. João II».



Esfera Armilar, símbolo de D. Manuel I

Tudo isto contribuiu para a constituição do Império português fazendo de Portugal um dos países mais ricos e poderosos da Europa. Manuel utilizou a riqueza obtida pelo comércio para construir edifícios reais, no que se chamaria muito posteriormente estilo manuelino, dos que são exemplo (o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém. Atraiu cientistas para a corte de Lisboa e estabeleceram-se tratados comerciais e relações diplomáticas com a China e a Pérsia, além de que, em Marrocos, realizaram-se conquistas como Safim, Azamor e Agadir.

Sua completa consagração europeia deu-se com a aparatosa embaixada em 1513 chefiada por Tristão da Cunha, enviando ao Papa Leão X presentes magníficos como pedrarias, tecidos e jóias e também um cavalo persa e um elefante que executava várias habilidades. Uma das inúmeras novidades que encantaram os espíritos curiosos das cortes europeias da época terá

sido sem dúvida o Rinoceronte trazido das Índias, que assumiu, então, um papel preponderante na arte italiana.

Na vida política interna, Manuel seguiu as pisadas de João II e tornou-se quase num rei absoluto. As *cortes* foram reunidas apenas três vezes durante o seu reinado de mais de vinte e cinco anos e sempre no paço de Lisboa. Manuel dedicou-se à reforma dos tribunais e do sistema tributário, adaptando-o ao progresso económico que Portugal então vivia.



Iluminura do período manuelino, "Livro 3 Místicos"

Manuel era um homem bastante religioso que investiu uma boa parte da fortuna do país na construção de igrejas e mosteiros, bem como no patrocínio da evangelização das novas colónias através dos missionários católicos. O seu reinado ficará também lembrado pela perseguição feita a judeus e muçulmanos em Portugal, particularmente nos anos de 1496 a 1498. Esta política extremista foi talvez tomada por forma a agradar aos reis católicos e uma das cláusulas do seu contrato de casamento com a herdeira de Espanha, Isabel de Aragão. O Massacre de Lisboa de 1506 foi uma das consequências da falência da política pérfida de D. Manuel: primeiro as conversões forçadas como uma tentativa de manter os judeus, como cristãos - e ao mesmo tempo ele não hesitou em confiar ao seu embaixador em Roma a missão secreta de pedir ao Papa, em 1515, a permissão de estabelecer a Inquisição em Portugal.

Na cultura, Manuel I procedeu à reforma dos Estudos Gerais, criando novos planos educativos e bolsas de estudo. Na sua corte surge também Gil Vicente, o pai do teatro português e Duarte Pacheco Pereira o geógrafo, autor do *Esmeraldo de Situ Orbis*.

Analisando-se posteriormente sua obra, verifica-se que avulta a tentativa de reforma do reino, «através da criação de instrumentos unificadores de carácter estatal, como sejam a publicação dos Forais Novos, reformando os antigos, a *Leitura Nova* (1504-1522), a compilação e revisão da legislação, consagrada pelas Ordenações Manuelinas, a reorganização da Fazenda Pública e a estruturação administrativa daí decorrente. Com ele organiza-se o Estado moderno» (ver Paulo Pereira, «Enciclopédia dos Lugares Mágicos de Portugal», volume IX, página 72).

Manuel morreu em 1521 e encontra-se sepultado no Mosteiro dos Jerónimos.

Descendência

- Da primeira mulher, Isabel de Aragão, infanta de Espanha (1470-1498).

Isabel morreu em 1498, durante um difícil trabalho de parto, pondo fim ao velho sonho de João II de unir as coroas ibéricas em mãos portuguesas. D. Manuel, ao partir de Castelo de Vide para Valença d'Alcantara em Outubro para receber sua mulher D. Isabel, filha de Fernando de Aragão e de Isabel de Castela, levou como companhia seus grandes amigos D. Diogo da Silva, Conde de Portalegre; D. Fernando de

Menezes, Conde de Alcoutim; D. Diogo seu irmão; D. João de Menezes, mordomo-mor, depois prior do Crato e conde de Tarouca; D. Martinho de Castel- Branco, veador da Fazenda e depois Conde de Vila Nova de Portimão; D. Francisco de Almeida; D. Pedro da Silva, comendador-mor de Avis; Aires da Silva, regedor da Casa da Suplicação; Francisco de Sá, veador da Fazenda da cidade do Porto; Jorge Mouto, guarda-mor, D. João d Sousa, D. Fernando Martins Mascarenhas. Em 29 de março de 1498 o rei D. Manuel partiu de Lisboa para Castela com a Rainha D. Isabel, deixando a irmã, a Rainha D. Leonor, como Regente. Entrou em Badajoz com D. Jorge (bastardo do rei D. João III de Portugal), D. Diniz (seu sobrinho, irmão de D. Jaime, duque de Bragança), D. Álvaro seu tio, D. Diogo da Silva, conde de Portalegre; o Bispo da Guarda, D. Pero Vaz, seu capelão-mor, e o de Tânger, D. Diogo Ortiz; D. João de Menezes, mordomo-mor; D Francisco, filho de D. Afonso, Bispo d Evora, depois Conde de Vimioso; D. Francisco de Almeida, que foi depois o primeiro vice-rei da Índia; que todos iam vestidos de dó, por falecimento do Príncipe D. João d Castela. Foram a Guadalupe, depois para Mérida no domingo de Ramos, e para Toledo, onde foram jurados príncipes herdeiros dos Reinos de Castela e Leão. Partiram depois para o reino de Aragão, em Saragoça chegaram a 1º de junho de 1498. Em 24 de agosto, dia de São Bartolomeu, a Rainha pariu com muito trabalho um filho, que chamaram D. Miguel, herdeiro dos reinos de Portugal, Castela, Leão, Sicília e Aragão, que morreria em Granada em 19 de julho de 1500 aos 21 meses). Ao tempo em que pariu, presentes o Rei seu pai D. Fernando, a sua mãe Rainha D. Isabel, e o rei D. Manuel seu marido, e a teve em seus braços D. Francisco de Almeida, de quem fiz menção. Morreu «à força de sangue que lhe soltara sem lho poderem estancar».

- Miguel da Paz (1498-1500), presumível herdeiro das Coroas de Portugal, Castela e Aragão
- Da segunda mulher, sua cunhada Maria de Aragão, infanta de Espanha (1482-1517), com quem casou em 30 de Outubro de 1500- Mas já não era a princesa herdeira, que se tornara Joana, *a Louca* casada com o herdeiro dos Habsburgos.
 - João III, rei de Portugal (1502-1557)
 - Isabel de Portugal (1503-1539), casada com Carlos V, Imperador da Alemanha
 - Beatriz de Portugal (1504-1538), casada com Carlos III, Duque de Sabóia
 - Luís, Duque de Beja (1506-1555)
 - Fernando, Duque da Guarda (1507-1534), casado com Guiomar Coutinho, Condessa de Marialva
 - Afonso de Portugal, Cardeal (1509-1540)
 - Maria de Portugal (1511-1513)
 - Cardeal Henrique, rei de Portugal (1512-1580)
 - Duarte, Duque de Guimarães (1515-1540), casado com Isabel de Bragança, bisavô de João IV de Portugal
 - António de Portugal (1516)
- Da terceira mulher, Leonor da Áustria (1498-1558), infanta de Espanha, irmã do imperador Carlos V:
 - Carlos de Portugal (1520-1521)
 - Maria de Portugal (1521-1577) famosa posteriormente como a mais culta das Infantas.

In http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_I_de_Portugal